

A Morte e as Mulheres: Representação Mortuária do Feminino

Árife Amaral Melo¹

RESUMO

A morte é um fenômeno que gera inquietação e, por consequência, uma necessidade de representação. Para atender essa necessidade, surgem representações artísticas sobre o evento da morte e do morrer, desde a pintura, o entretenimento e, sobretudo, a arte cemiterial. Nesse campo, o cemitério é, por excelência, um local de cultivo da memória e de reprodução dos valores sociais dos grupos aos quais a necrópole está vinculada. Cristalizadas nos túmulos e mausoléus, é possível perceber as diferentes representações do imaginário sobre a vida e a morte na utilização de elementos artísticos cemiteriais que designam, de certa maneira, os papéis que cada agente social desempenha. É possível observar que os signos com elementos femininos relacionados à morte não possuem apenas meros aspectos estéticos, mas reproduzem de forma sutil uma associação entre a imagem da mulher como forma de suavizar a morte e a passividade que se atribui ao feminino no contexto social.

Palavras-Chave: Morte. Feminino. Representação da Mulher.

1 INTRODUÇÃO

A morte é uma das maiores certezas da existência humana. O cessar da vida é iminente e faz com que a humanidade se cerque de elementos que deem ao fim da vida algum sentido, em um esforço hercúleo na tentativa de compreender esse processo e torná-lo suportável. Compreendida pela ciência ou pela religião, a morte que ronda cada dia o ser humano é objeto de estranhamento e de reflexão; não é o instinto de sobrevivência ou o medo de morrer que o move quando se depara com a morte, mas sim o significado que ele dá ao evento derradeiro, que frustra planos, desprotege, desestabiliza, aflige e machuca. No entanto, todas essas situações desagradáveis nunca se operam nos mortos, pois estes nada mais podem fazer: ela causa esse impacto aos vivos e que tentam, de diversas formas, assimilar esse evento.

O homem faz dos mortos o símbolo máximo da instabilidade da vida, e para isso, os envolve em rituais, signos, construções, teorias científicas e religiosas que muitas vezes permeiam os valores e as relações sociais de maneira paradoxal, pois a maior das certezas do homem é aquela que lhe proporciona o futuro mais incerto.

Na Capela dos Ossos, em Portugal, se encontra a inscrição “Nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos”. Um *memento mori*² como se dissesse: “És o que fomos, serás o que somos”. Essa frase típica encontrada em portões de entrada de locais que abrigam restos mortais tais como criptas e

1 Doutorando em Ciências Sociais pela FFC - Unesp Campus de Marília. E-mail: arifeam@gmail.com

2 Expressão latina designada para os visitantes para que eles tenham consciência de sua condição de criaturas mortais.

cemitérios se apresenta como se os mortos pudessem dizer aos visitantes qual a sua futura condição, porém esse aviso é uma frase escrita pelos vivos endereçada aos vivos, simbolicamente construída para aprofundar o imaginário que *existe e insiste* sobre o significado da morte, preparando o visitante para, ao entrar naquele local, observar como os viventes se lembram e tratam os seus mortos.

O simbolismo em torno da morte nos cemitérios (e além dele) é latente. É possível analisar a morfologia tumular como escopo de compreensão de uma sociedade local, ver como as relações sociais na cidade dos vivos estão plasmadas na cidade dos mortos, haja vista que o cemitério também é um espaço de cultivo da memória, de reprodução de mentalidades e ideologias claramente observáveis no dia-a-dia. É possível perceber que a reflexão sobre o imaginário e a significação em torno da morte não é imutável e que nos dias atuais assume as mais diversas formas.

Consideremos a necrópole como ponto de partida, na qual o cemitério se configura como o epicentro simbólico em torno do qual se pode ver mais nitidamente o tratamento dado à morte de acordo com a representatividade dos túmulos, da existência ou ausência de detalhes nesses *monumentis*³. Desse modo, foi possível observar que as mudanças estéticas nos cemitérios expressam diversos tempos e grupos sociais. Isso porque a necrópole traz em si elementos visíveis que foram construídos no intuito de mostrar a todos que ali estiverem um pouco da história, dos valores e do legado deixado pelos vivos. Para Motta (2009, p. 74),

Quando submetidos à leitura, os dispositivos funerários plasmados nos túmulos permitem traduzir não só acomodações e equilíbrios, mas também tensões e mudanças operadas no contexto de um grupo específico ou no corpo social mais amplo; assim como é também capaz de revelar atos institucionais e de condutas sociais e morais diversos, tendo sempre como preocupação dar sentido e significado a alguma coisa.

Percebendo essa representatividade, este trabalho dedicará especial atenção à proeminência de elementos femininos em cemitérios, e como o imaginário e a memória em torno da mulher estão intimamente relacionados à morte e à dor da perda, demonstrando que as questões de gênero também se insinuam na iconografia mortuária presente na arte, mas sobretudo na perspectiva cemiterial.

2 A MORTE E SUA REPRESENTAÇÃO

O cemitério é um espaço de cultivo da memória por excelência. Nele focamos diversas lembranças de pessoas que passaram por nossas vidas quer seja direta ou indiretamente. Os túmulos, mausoléus, epitáfios e toda a arte tumular, principalmente no que se refere ao seu aspecto visual, é um exercício de resistência ao esquecimento que a morte provoca. Segundo Debray (1993), a própria construção da necessidade humana de criar a imagem tem origem na morte; as representações pictóricas, desde as mais antigas, remetem à tentativa do homem de perpetuar aquilo que se teme perder, no intuito de resistir simbolicamente àquele mistério do fim da existência:

O nascimento da imagem está envolvido com a morte. Mas se a imagem arcaica jorra dos túmulos é por recusar o nada e para prolongar a vida. As artes plásticas representam um terror domesticado. Por conseguinte, quanto mais apagada da vida social estiver a morte, menos viva será a imagem e menos vital nossa necessidade de imagens. (DEBRAY, 1993, p. 20).

3 A palavra latina *monumentum* traz o significado essencial da estrutura física do cemitério: “trazer à lembrança

Portanto, podemos tratar o cemitério como um museu a céu aberto. Semelhante local, dotado dessa característica, e considerando que o próprio termo *museu* já nos remete à memória na sua origem grega, é possível encontrar escondido nas poeiras do significado a relação entre a memória e o feminino. Afinal, o *museu* é o *templo das musas*, as entidades femininas responsáveis pela inspiração dos artistas e guardiãs da história:

A mitologia grega, por sua vez, integrou a memória ao quadro de suas representações. Dessa forma, Mnemosyne é mãe das musas que protegem a história e a arte. História que é a construção da experiência humana através dos tempos. Arte, que traduz o sentimentos e emoções dos seres humanos e representa os valores e as expectativas de uma época. (DELGADO, 2003, p. 16).

Delgado demonstra a importância da memória para a identidade, quer seja coletiva ou individual, ao mostrar que, apesar da nossa precária existência, a memória nos torna perenes enquanto comunidade, e auxilia na construção da história e do imaginário. Nesse sentido, vale ressaltar que a memória relacionada à morte, particularmente nos cemitérios brasileiros, revela em sua configuração um pouco da herança religiosa (predominantemente católica) e, como tal, associa-se a valores provenientes dessa herança. Contudo, ela não é estanque, está constantemente sendo ressignificada e acaba por transcender determinados espaços nos quais a interpretação sobre o simbolismo da morte e do imaginário sobre ela nos remete a fatores *extramuros* das necrópoles e podem demonstrar, nesse caso aqui específico, como a representatividade da imagem feminina é direcionada.

Não se trata nesse caso aqui apresentado de analisar o *papel desenvolvido pelas mulheres* com relação à morte, mas sim *a forma como são representadas* diante da morte, considerando fatores externos importantes sobre esse tipo de representação, que podem também contribuir para a discussão sobre as questões de gênero na formação das mentalidades. Segundo Passerini (2011), é relevante associar aos estudos sobre gênero outros fatores de diferenciação como classe, geração, cultura e religião, desde que não sejam consideradas equivalentes ou definidoras do conceito. Partindo desse princípio, o tipo de análise aqui apresentado pretende contribuir considerando dois aspectos: a arte e a religião. A primeira, pela visibilidade e enriquecimento da imagem como representação das identidades; a segunda, pela carga valorativa que recai sobre o público o qual tenta representar, nesse caso a mulher sob uma perspectiva iconográfica.

São inúmeras as representações das mulheres como *avatares* de aspectos da vida humana. Mesmo que seja de olhares piedosos a austeros, da sensualidade ao recato, existem alguns valores, principalmente no que se refere à morte, atribuídos quase que exclusivamente às mulheres: a maternidade, a piedade, a serenidade, o acolhimento, a saudade. Em suma, a religião e a arte, no cenário da representatividade do gênero feminino, ainda carregam em si reminiscências que atribuem à mulher um papel passivo. Molina (2016), ao analisar a perspectiva de Freud sobre as mulheres, mostra que mesmo o pai da Psicanálise, apesar da sua grande contribuição para a ciência, e sobretudo dedicando especial atenção à histeria (um mal tipicamente feminino para o psicanalista de Viena), não conseguiu superar essa visão que se tem sobre a mulher e o feminino. Podemos utilizar como exemplo a pintura de Gustav Klimt, *Morte e Vida* (1916), no qual a morte, representada pelo icônico esqueleto, é contraposto pela imagem de várias mulheres e um homem, encabeçadas por uma jovem de olhos fechados, serena, a carregar um bebê. Até mesmo o célebre pintor da austera

Higeia (detalhe de seu quadro “Medicina”, de 1901), aplica à imagem feminina o papel de, segundo Finn et al (2013), “a liberação da dor”.

Figura 1 - “Morte e Vida”. Gustav Klimt (1916)



Fonte: Wikipedia (2018)

Em outros casos, não necessariamente artísticos de fato, mas ainda assim iconográficos, a própria morte chegou a ser representada por uma mulher. É o caso da personagem *Morte*, de Histórias em Quadrinhos.

Figura 1 - “Morte”, de Neil Gaiman



Fonte: Blogspot (2018)

Morte é um personagem criado por Neil Gaiman, um dos grandes nomes dos quadrinhos internacionais voltados para o público jovem e adulto. A primeira aparição desse personagem se deu em 1989, nos quadrinhos de *Sandman*, do universo da DC Comics. Essa franquia dos quadrinhos, criada

também por Gaiman, valoriza personagens míticos de diversas tradições, pagãs ou cristãs. A personagem é representada como uma jovem esguia e pálida, em um estilo gótico, carregando no pescoço um ankh, símbolo egípcio que simboliza a vida. Costumeiramente carrega consigo um guarda-chuva que costuma utilizar como embarcação para levar os recém-falecidos ao reino dos mortos. Sua missão e principal característica é exatamente sua personificação: representa o fim da vida que, assim como as representações macabras do ceifador, aparece para conduzir as almas dos mortos.

Vale notar que essa personagem traz consigo uma ressignificação em torno do fim da vida, com uma imagem da morte *suavizada* e até mesmo *desejada*, haja vista que, em suas histórias, apesar de sua densidade sobre o tema, os personagens são cativados por sua serenidade e beleza. Nesse caso, a atribuição feminina dada à morte reforça o caráter de passividade do feminino: essa representação faz com que a morte, ao ser representada por uma jovem, perca a carga horripilante e macabra.

3 A ARTE CEMITERIAL E A REPRESENTAÇÃO IMAGÉTICA DO FEMININO

No que se refere à arte cemiterial, o ícone feminino também traz consigo esse tipo de representação: comparadas ao estatuário tipicamente masculino (as imagens dos santos homens e de Jesus Cristo), a mulher está majoritariamente ilustrada de duas maneiras: como *sofredora* ou como *piadosa*. Apesar de as imagens serem predominantemente de santas católicas e das diversas representações de *Nossa Senhora*, é possível encontrar imagens de mulheres comuns, mas igualmente nessas condições. Numa pesquisa de campo realizada em 2016 e 2017 nos cemitérios do município de Ourinhos, interior de São Paulo e Jacarezinho, no norte do Paraná, foi possível encontrar essas imagens⁴, como podemos observar a seguir:

Figura 3 - Estátua de bronze no Cemitério Municipal São João Batista, em Jacarezinho, PR



Fonte: Autor (2018)

4 Os nomes das famílias foram cortados ou cobertos nas fotografias para preservação das suas identidades

Figura 4 - Estátua de concreto de uma florista. Cemitério Municipal de Ourinhos. SP



Fonte: Autor (2018)

A imagem acima mostra uma mulher carregando flores e observando o que supõe-se que seria uma fotografia (provavelmente roubada da composição da estátua), numa postura de lamentação. A relação existente entre a representação feminina, a saudade e a perda (quando não são figuras sacras) possui uma referência constante: a presença do signo fitomórfico das flores nas mãos das estátuas de mulheres, como se fosse uma característica feminina embelezar e suavizar a morte.

Quanto às imagens sacrais, a representação da mulher também possui uma espécie de assinatura: a maternidade atribuída ao ícone feminino máximo do catolicismo: a Virgem Maria, que carrega consigo nas suas representações sempre o caráter da mãe acolhedora e sofredora, *Mater Dolorosa* e, no caso dos cemitérios, a pietá (piedade). Essa representação (pietá) agrega em si mesma toda uma carga da representatividade do papel da mulher perante a morte: Jesus morto, recém tirado da cruz, nos braços da mãe solitária, ilustrando a dor de uma mãe ao perder o filho. Apesar de tudo, Maria é a mulher resignada, que aceita a morte do filho diante da vontade de Deus; um exemplo a ser seguido por todas as mulheres, reforçando os valores de uma sociedade que impõe à mulher esse papel de passividade. O mesmo ocorre com as imagens das santas: quando não é o caso das várias representações de Nossa Senhora (na maioria das vezes, atribuídas às cidades onde se manifestaram, tais como Fátima, Gua-

dalupe, Lourdes, Aparecida, etc), as estátuas das santas católicas carregam em sua composição similitudes que, se submetidas ao olhar de um não-católico, poderia afirmar que são igualmente imagens da própria Virgem, com a mesma postura de resignação, passividade e contemplação.

Figura 5 - Pietás, ambas localizadas no Cemitério São João Batista, em Jacarezinho, PR



Fonte: Autor (2018)

Avançando ainda sobre esse estereótipo que acaba por “feminilizar” a relação entre a dor e a morte, as imagens religiosas femininas não se restringem apenas às das santas e outras estátuas femininas, mas também a outro elemento muito presente no estatuário cemiterial: os anjos. Teologicamente, os anjos não possuem sexo, mas são tratados na teologia judaico-cristã como se fossem homens (vide a representação do arcanjo Miguel, vestido como um soldado romano, ou aos nomes dados aos meninos, tais como Rafael ou Gabriel). No entanto, quando transportados para a representação da dor, da saudade e da morte, os anjos sofrem uma espécie de metamorfose. Essa masculinidade se torna no mínimo difusa, pois os olhares austeros e as longas barbas dos profetas e santos são substituídos por traços finos, cabelos longos e túnicas justas ao corpo, algumas vezes até mesmo com a presença de seios além do objeto clássico que são as flores.

Segundo Marques (2014, p. 11),

Datando também do início do século XX aparecem as figuras femininas na forma de anjos, onde o atributo feminino é acrescido ao religioso ou dada ênfase a determinado sentimento. São as alegorias da ressurreição, alegoria da saudade, alegoria da desolação e alegoria da esperança. São formas dramáticas de anjos, onde a alegoria da ressurreição geralmente é representada com uma das mãos indicando para o alto e a outra indicando para baixo, podendo portar flores ou uma trombeta. A alegoria da saudade em geral aparece expressando tristeza e serenidade, estando em aparente meditação. Podem aparecer apoiadas em uma coluna e ajoelhadas sobre o túmulo. Procuram elucidar os sentimentos dos parentes, a dor da saudade, a falta que o indivíduo fará para o seu círculo.

Para que possa ser compreendida essa atribuição à imagem feminina relacionada ao universo da morte nas necrópoles, é importante ressaltar, mesmo que brevemente, a iconografia masculina presente nos cemitérios. Utilizando-se da mesma perspectiva, isto é, das imagens não-sacrais para as sacrais, observa-se que o papel da imagem masculina não corresponde aos mesmos valores atribuídos à representação iconográfica feminina. No que se refere aos santos, a maioria esmagadora das imagens sacras masculinas são de Jesus Cristo (Sagrado Coração, Bom Pastor, Redentor e Jesus batendo à por-

ta são os mais comuns). Vale ressaltar que as imagens de sofrimento atribuídas a Cristo nos cemitérios diferem da representação de Maria, pois tais representações do Cristo são direcionadas à sua própria dor (crucificado, torturado, com a coroa de espinhos), e não à perda.

Quanto aos santos, algumas características masculinizadas estão presentes, como a barba e o torso nu, sendo raras as imagens de santos imberbes. O mesmo não se observa nas imagens dos anjos que, como citado anteriormente, apresentam feições muito mais próximas de uma imagem feminina do que masculina, quando não são literalmente femininas. As imagens não-religiosas, como, por exemplo, os bustos e medalhões, são reservadas a homenagens de figuras ilustres de uma sociedade e são predominantemente masculinas. Disso pode-se perceber a visão patriarcalista do grupo social de uma cidade representada no estatuário cemiterial. Aos homens é dedicada a honraria de ser eternizado por seus grandes feitos e pela sua contribuição à sociedade, ou seja, uma representação ativa, enquanto reserva-se à mulher uma representação passiva. Uma imagem cemiterial que ilustra essa relação atividade-passividade entre homem e mulher é a estátua “Último Adeus”, de Alfredo Oliani, localizada no Cemitério São Paulo, no bairro de Pinheiros, na cidade de São Paulo. Segundo Martins (2012), a escultura é uma homenagem póstuma de uma esposa ao marido falecido.

Mas a grande e emocionante celebração do amor nos cemitérios da cidade de São Paulo é a escultura *Último Beijo*, de Alfredo Oliani, no túmulo de Antonio e Maria Cantarella, no Cemitério São Paulo. Maria, que faleceria em 1982, dez anos mais moça do que o marido, falecido em 1942, pedira ao escultor uma obra que expressasse com clareza seus sentimentos em relação ao marido morto, o que também manifestou no escrito que acompanha a escultura: “Ó Nino, meu esposo, meu guia e motivo eterno de minha saudade e de meu pranto. Tributo de Maria.” Na escultura, um homem em pleno vigor e cheio de vida beija, no estertor da paixão, a mulher morta.

Figura 6 - “O último adeus”



Fonte: Blogspot (2018)

Semioticamente, é possível observar, no conjunto da obra, a morte iminente despertando no homem um sentimento de desespero em dar o último beijo em sua amada. Interpretando a história da escultura e considerando que a viúva encomendou o objeto de arte após a morte do marido, observa-se que, mesmo sendo a esposa a sofrer a dor da perda, ela prefere ser representada como morta e o marido como o viúvo. A relação entre esse objeto de arte e a cultura da memória evidencia a dicotomia entre o masculino e o feminino como símbolos ativos-passivos, principalmente no que se refere à viuvez que, apesar de não ser objeto deste trabalho, mas devido a sua relação íntima com a morte, evidencia a maneira como os papéis sociais atribuídos à viuvez feminina são colocados de forma a crer que à viúva cabe o recato, a resignação e até mesmo o claustro.

Segundo Possas (2010, p. 88-89),

Portanto, a viúva e a viuvez tornaram-se termos assumidos como abstrações de cunho universalista que, indiferentemente utilizados, permitiram múltiplas interpretações no âmbito das discussões e debates políticos como algo dado, residual, cristalizado pela cultura ocidental, como aquilo que ficou em desamparo, em abandono, que poderia ser reutilizado sem compromisso com a existência de indivíduos concretos. [...].

Logo retomando o sentido formal e jurídico como a perda de um dos cônjuges, a viuvez permanece normatizada por discursos, por instituições e pelo cotidiano da sociedade burguesa, desconsiderando, no entanto, a dimensão subjetiva da presença de sujeitos específicos, com distintas identidades ali encarceradas, submersas na representação da morte, do trajar preto, do luto e da reclusão.

O luto feminino, particularmente relacionado à viuvez, demonstra que a morte afeta todos, mas recai com maior ênfase sobre os ombros da mulher, e isso pode ser observado na maneira como ficam plasmados os valores relacionados à morte com a imagem feminina na arte, sobretudo a cemiterial. Apesar de todas as mudanças sociais no mundo dos vivos no que se refere ao imaginário coletivo sobre as mulheres, no local dos mortos, elas ainda possuem uma *visibilidade invisível*: estão presentes e são notadas, mas não relacionadas a valores ativos e proeminentes, e sim como sofredoras, piedosas e passivas diante do fim e da dor inevitáveis que a morte representa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A morte, enquanto representatividade imagética na arte e nas necrópoles, traz consigo questões que vão além do cultivo da memória e da reflexão sobre o fim da existência em vida, das divagações sobre o sobrenatural e a espiritualidade, ou das práticas sobre o luto. Este artigo se propôs a indicar que as representações sobre a morte na arte e nos cemitérios pode ser um espaço para reflexão sobre questões que não estão explícitas, mas que contribuem para a reprodução de valores sociais que vão além dos muros das necrópoles. Nesse sentido, podemos observar que a imagem e o símbolo presentes nesse meio, no que se refere às mulheres, reservam ao imaginário sobre elas um reforço ideológico extremamente ultrapassado, não somente por ocasião do tempo em que foram criadas tais obras ou pelas datas em que foram colocadas nos cemitérios, mas sim pelos valores arraigados em uma sociedade que ainda delega às mulheres determinados papéis que não mais cabem sequer à sociedade dos vivos.

A representação da morte, utilizando o feminino como avatar, cria um cenário no qual aparenta que todas as mudanças ocorridas na sociedade dos vivos não conseguem alcançar êxito entre os mu-

ros das cidades dos mortos, particularmente no que se refere à representação da imagem da mulher, ao naturalizarem enfaticamente que determinados aspectos valorativos sobre o feminino ainda são aqueles ideais medievais e oitocentistas relacionados à delicadeza, doçura, piedade, abnegação e maternidade. Como se pôde perceber, pintores, escultores e até quadristas, quando tratam com a morte, também representam papel semelhante, reproduzindo os mesmos valores indicados acima, numa interrelação entre o artístico e o fúnebre.

Não cabe aqui afirmar que os cemitérios devem ser lugar de militância sobre igualdade entre homens e mulheres, mas vale ressaltar que os espaços cemiteriais são locais de identificação de mentalidades e que, por sua vez, merecem devida atenção para se compreender que ali podem ser identificadas as diferenças entre os papéis sociais de homens e mulheres nos espaços ocupados pelos vivos, muitas vezes de maneira romantizada, obscurecendo os valores ali reproduzidos.

Death and Women: representation of the feminine

ABSTRACT

Death is a phenomenon that generates restlessness and a need for representation. To meet this need, artistic representations arise about the event of death and dying, from painting, entertainment and, above all, cemetery art. In this field, the cemetery is, par excellence, a place of cultivation of memory and reproduction of the social values of the groups to which the necropolis is linked. Crystallized in the tombs and mausoleums, it is possible to perceive the different representations of the imaginary about life and death in the use of cemeterials artistic elements that designate, in a certain way, the roles that each social agent plays. It is possible to observe that the signs with feminine elements related to the death do not only have aesthetic aspects but reproduce subtly an association between the image of the woman as a way to soften the death and the passivity that is attributed to the feminine in the social context.

Keywords: Death. Feminine. Representation of Women.

REFERÊNCIAS

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no Ocidente. São Paulo: Petrópolis, 1993.

DELGADO, Lucillia de Almeida Neves. **História oral e narrativa**: tempo, memória e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

FINN, Bárbara C. E.; BRUETMAN, Julio; YOUNG, Pablo. Gustav Klimt (1862-1918) y su cuadro sobre la medicina. **Revista Medica**, Chile, 2013.

MARTINS, José de Souza. O amor nos cemitérios. **Estadão**, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,o-amor-nos-cemiterios-imp-,949010?success=true>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

MARQUES, Roberto Barreto. Morte e vida feminina: as múltiplas facetas da representação escultórica da mulher em cemitérios oitocentistas. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29, 2014. **Anais...** Natal, 2014.

MOLINA, Jose Artur. **O que Freud dizia sobre as Mulheres**. São Paulo, Ed. UNESP, 2016

MOTTA, Antônio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 71, 2009.

PASSERINI, Luísa. Gênero ainda é uma categoria útil para a história Oral? In: _____. **A Memória entre Política e Emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 95-106

POSSAS, Lídia M. V. Viuvez, Gênero e oralidade: recuperando os sujeitos invisíveis nos anos de chumbo (Brasil 1970-1989). **História Oral**, v. 12, n. 1-2, nov./dez. 2009.

BIOGRAFIA

Árife Amaral Melo

Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela FFC – Unesp Campus de Marília. Mestre em Ciências Sociais pela FFC – Unesp Campus de Marília. Doutorando em Ciências Sociais pela FFC – Unesp Campus de Marília. Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Paraná, IPFR – Campus Jacarezinho, na área de Ciências Humanas e suas tecnologias. Membro do Grupo de Pesquisa - Teoria crítica: racionalidade comunicativa e reconhecimento social. Membro do Grupo de Pesquisa GECLIT – Educação, Cultura, Linguagens e suas tecnologias.